

de Jesus Cristo, anunciada pela sua Igreja, tudo aquilo que o Espírito opera, nas outras Tradições religiosas e nos seus membros, conhece a possibilidade de purificação dos elementos ambíguos e pecaminosos. Falar da obra do Espírito Santo no universo implica também admitir que, exatamente por que no mundo, essa obra conhece o pecado e, portanto, se apresenta na ambigüidade típica da nossa realidade histórica. O Espírito faz com que os frutos da sua ação no mundo, encontrando de maneira explícita Jesus Cristo, sejam purificados e aperfeiçoados, uma vez que o Espírito mesmo é Deus que "convence o mundo quanto ao pecado" (cf Jo 16, 7-8).

Fora da comunidade cristã, Deus encontra os homens no Espírito que os impulsiona rumo a Cristo, embora seu rosto histórico e humano permaneça desconhecido. Na Revelação cristã Deus encontra os homens na humanidade histórica de Jesus de Nazaré que, pela força do Espírito Santo, revela o rosto invisível do Pai e cria a comunhão com Ele. Se toda religião e experiência humana autêntica contém uma maneira de Deus se aproximar do homem, na Revelação cristã a iniciativa de Deus se torna plenamente humana e histórica.

Afinal, só Deus conhece quando, como e se, todos ou só alguns dos germes da Sua presença, no universo inteiro, passarão para a visibilidade e sociabilidade histórica da Igreja do Seu Filho. O Espírito é sempre o Espírito do Pai e do Filho que, pairando sobre o universo inteiro desde o seu princípio (cf Gn 1,2), descobre na Igreja a sua comunidade, embora esta não esgote a sua presença e sua obra no universo.

NOTAS

¹ *Lumen Gentium* 16 e 17; *Nostra Aetate* 2; *Ad Gentes* 3, 4, 7, 9 e 11; *Gaudium et Spes* 11, 15, 16, 17, 22, 24, 26, 32, 36, 38, 39, 40, 92 e 93

² *Dominum et Vivificantem*, de 18 de maio de 1986, III, 53

³ *Dei Verbum* 4, *Ad Gentes* 3; *Gaudium et Spes* 38

⁴ Cf DUPUIS, J., *Western Christocentrism and Eastern Pneumatology, Jesus Christ and His Spirit*, Theological Publications in India, Bangalore, 1977, 21-31

⁵ MOLTSMANN, J., *Lo Spirito della Vita. Per una Pneumatologia integrale*, Queriniana, Brescia, 1994

⁶ DUPUIS, J., *Gesù Cristo incontro alle Religioni*, Cittadella Editrice, Assisi, 1989, 215

⁷ Id., *ibid.*, 216

⁸ São LEÃO MAGNO, Sermo 76, PL 54, 405-406, cit. em *Ad Gentes* 4.

⁹ DUPUIS, J., obra cit., 230

¹⁰ Cf MOLTSMANN, J., obra cit., 92-95

¹¹ Cf JOÃO PAULO II, *Dominum et Vivificantem*, Encíclica sobre o Espírito Santo na vida da igreja e do mundo, Ed. Paulinas 1986, III, 54

¹² No dia 27 de outubro de 1986. Cf JOÃO PAULO II, *Assisi, Giornata Mondiale di Preghiera per la Pace*, Pontificia Commissione "Justitia et Pax", Roma 1987, 143-150

¹³ MOLTSMANN, J., obra cit., 80

¹⁴ Ed. italiana: Cittadella Editrice, Assisi, 1989

¹⁵ Documentos Pontifícios 242, *Voices*, Petrópolis

Endereço do Autor:

Seminário Teológico do Pime
Cx Postal 5046
88040-970 - Florianópolis, SC

A Era do Espírito

O Espírito Santo e o Feminino

Ir. Teresinha Milanez DP
Professora de Exegese do NT

INTRODUÇÃO

A sensação que experimento ao me encontrar com este tema é a de quem está entrando numa floresta. Tateio aqui e ali, vendo algumas pegadas de companheiras e companheiros que por aqui já fizeram caminho. Às vezes tudo fica nebuloso, e o caminho parece desaparecer. Mas sinto uma brisa leve que me impulsiona e provoca em mim sede de libertação. Então continuo o cami-

nho, porque sei que há outras pessoas querendo caminhar comigo. A brisa leve vai entrando em mim, fazendo-me enxergar novas cores, cores de vida. Já posso ouvir o canto de pássaros e o barulho das águas que refrescam meus pés. Caminhamos, não obstante preconceitos ou o desconhecido da floresta. Continuamos a acreditar no sonho que já vimos, ouvimos e apalpamos. Vencido o cansaço inicial, dedico-me a dar mais um passo, a ir para mais dentro da floresta. A brisa leve e companheira me inquieta e me faz andar.

São muitas as perguntas que me chegam de fora ou que trago no recesso do coração: Cabe uma linguagem feminina sobre Deus? Há uma relação entre o feminino e o Espírito Santo? De onde procederia essa peculiaridade do feminino do Espírito Santo, a terceira pessoa da Santíssima Trindade? Na Igreja, o Espírito não estaria mais ligado ao poder, marcadamente masculino? Não seria atrevimento ligar Espírito e feminino? Não seriam duas realidades pouco conhecidas por nós? Como tratar com esta linguagem diferente da linguagem masculina que já fez nossa cabeça e predomina no imaginário popular e nas sofisticadas elaborações das academias de ensino? A tradição cristã das comunidades foi aos poucos fazendo a mulher desaparecer. Mas, sem ela, como se manifesta o feminino de Deus?

Quando falo em feminino não o considero logicamente como se fizesse parte apenas da mulher. O feminino está presente no homem, bem como o masculino na mulher, mas é na mulher que o feminino se expressa de modo mais completo. Ora, quando a mulher é marginalizada, como se expressará o feminino? Como fica a revelação de Deus que está além do feminino e do masculino, mas que, para se comunicar, o faz pelas duas categorias? Interessa-me refletir sobre o feminino presente em cada ser humano, mas privilegio o feminino-mulher.

As questões se multiplicam, mas a brisa leve e companheira me impulsiona, e eu continuo no caminho, certa de que não conseguirei respostas definitivas a estas questões. O que consigo articular é apenas um leve sopro da brisa passando no coração de uma mulher e saído por suas mãos.

1. AS RAÍZES BÍBLICAS

a) no Antigo Testamento

Estamos aqui diante de várias interpretações. Alguns críticos afirmam que os estudos neste campo são confusos, que há pouca solidez exegética nas metáforas femininas do Antigo Testamento. Mas há também quem, olhando com serenidade, percebe e conclui que há um caminho a percorrer com esperança!

A religião judaico-cristã é masculinizante. Uma religião onde o varão toma todas as iniciativas, onde a mulher não conta nem sequer como número. Estamos por demais acostumados a dizer e ouvir que Deus é Pai, que tem um Filho Eterno, o qual, porém, nasceu de uma mulher, que é virgem.

O contexto da época em que se dá a revelação bíblica é marcadamente patriarcal, onde o feminino é colocado à margem. Isto explica o peso do masculino e a marginalização do feminino, da mulher.

Não é preciso fazer uma abordagem feminista da Escritura para perceber o clima antifeminista que a perpassa. Mas como "brisa leve", o Espírito - a *Ruah* - entra, mesmo estando as "portas fechadas" (At 2,1ss). Sempre houve mulheres que encontraram ou conquistaram "brechas" neste muro. Como brotos que surgem em meio às pedras, encontramos Débora, Judite, Ester, que nos comovem com sua ternura firme e criativa, em momentos históricos decisivos do Povo de Deus. Quem de nós não foi tocado ao ouvir os diálogos de Abraão e Sara ou com a luta de Agar que, para manter o filho, caminha pelo deserto na esperança, até que

se encontra com Deus? Uma teofania de Deus a uma mulher, escrava, despedida, que testemunha: "vi Aquele que me vê!" (cf Gn 16,13-14). Poderíamos dançar com os poemas do Cântico dos Cânticos num relacionamento de parceria entre homem e mulher, onde a mulher provoca o olhar amoroso, num clima-caminho de duas mãos, onde o encontro entre feminino e masculino é fecundo e faz nascer o amor!

Mas, infelizmente, a situação de exclusão da mulher foi sendo a cada dia mais reforçada. É freqüente na Bíblia considerar a mulher não apenas cheia de maldade, mas a causadora do mal feito pelo homem. Um exemplo entre tantos é Eclo (*Sirácida*) 42,14. Não é seguramente esta a intenção do escritor sagrado em Gn 3,1-6, quando, em

seu relato, apresenta ambos, Eva e Adão, como autores do mal e quer deixar claro que a iniciativa do mal é da humanidade e não de Deus, que os fez à sua imagem e semelhança.

Varão e mulher os fez, dotados de igual liberdade e dignidade, mas diferentes como masculino e feminino. Como a hermenêutica bíblica esteve não por pouco tempo tão dependente da dogmática e da moral, a tendência é não poucas vezes atribuir à Eva-mulher a causa do mal. Daí temos que a mulher tentadora predomina no imaginário popular, símbolo que encontra amplo espaço ainda hoje nas publicidades da mídia. O mesmo se dá com a metáfora da costela de Adão, de onde Eva teria sido retirada. Com base nisto se dá garantia da superioridade do homem.

b) E no Novo Testamento, que há de novo?

Se entrarmos no Novo Testamento pela porta paulina vamos encontrar elementos de inegável contribuição para compreender a situação do feminino na comunidade cristã. Bastaria citar a posição de liderança de tantas mulheres nas comunidades cristãs primitivas, no anúncio e prática do Evangelho: Priscila, liderança significativa em Roma e Corinto; Febe, diaconisa da comunidade de Cencréia; Lídia, que certamente presidia a comunidade (e a eucaristia!?, uma vez que a celebração se dava em sua casa...cf At 16,14-15). E outras, para não citar o elenco de mulheres de Rm 16,1-16. Paulo e seus companheiros refletem por um lado o imperativo da valorização da mulher, anunciado por Jesus. Mas, por outro, não deixam de refletir a situação cultural do tempo, dos povos a quem anunciaram o Evangelho, e dos lugares onde organizaram comunidades. Não raro encontramos um Paulo que admite a submissão da mulher, quando não sua inferioridade. Porém, há em Gl 3,28 um princípio geral para a questão da igual dignidade do homem e da mulher em Cristo: "Não há nem escravo nem livre, nem grego nem judeu" e, de igual modo, com a mesma força: "nem homem nem mulher".

Mais corajosamente assumida, mas talvez por isso mais ignorada, foi atitude de Jesus para com as mulheres.

"O contexto da época em que se dá a revelação bíblica é marcadamente patriarcal"

Não é o lugar de estender este tema aqui. Jesus entra na história num momento de evidente marginalização, com todos os tipos de preconceitos em relação à mulher. Ele faz uma opção pelos marginalizados, entre estes a mulher. Ele supera a ética das leis pelas relações de responsabilidade e de amor para com a pessoa. Conversa. Encontra-se com a prostituta. Escuta e atende a siro-ferúcia, a viúva e tantas outras. Algumas de suas parábolas contemplam as mulheres (Lc 13,20-21 e 15,8-10). Rompe com o ethos da cultura e deixa que a mulher possa emergir com sua dignidade.

2. MARIA: O FEMININO HABITADO PELO ESPÍRITO

Um olhar para o Evangelho de Lucas nos surpreende já no início com o diálogo que Deus faz com a humanidade. Na mentalidade judaica, Javé se revela no templo, o lugar significativamente tomado por varões. Agora, o mensageiro entra numa casa, lugar-espaco ligado afetivamente à mulher, sintonizado com tudo o que é feminino, "entrando em casa..." (Lc 1,28).

"O Espírito Santo descerá sobre ti..." (Lc 1,35). O Espírito inunda o seio de Maria, a mulher que se faz acolhida do mistério. Nela os cristãos podem contemplar e, na fé, acolher a inefável imagem reveladora do feminino em nosso Deus. Nela temos o rosto materno do Pai. Porque em Maria Deus se auto-entrega de tal modo que a plenifica com sua fecundidade... "O Altíssimo te cobrirá com sua sombra" (Lc 1,35).

Em Maria o Espírito habita e faz nela sua morada-templo. Através da terna figura feminina, Deus entra na humanidade. Como não reconhecer que com Maria tem início a divinização do feminino (Lc 1,42-43)? Então Maria, mulher tomada e inundada pelo Espírito, só pode ser mãe do Filho de Deus. Assim, unida ao Espírito, gera o Filho que é Santo.

Paulo Apóstolo, em sua carta aos Gálatas 4,4, afirma sem menos contundência: "Quando chegou a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de uma mulher". Ela se faz aconchego da Vida, espaço que se abre para a Salvação. Nela, o masculino de Jesus torna-se de agora em diante espaço de salvação. Mas, em Maria também o feminino se faz espaço de salvação, porque também ele está habitado pelo Espírito Santo. Aí Deus se faz caminho e morada para se encontrar com seus filhos e filhas, que vêm no feminino um lugar e caminho onde podem encontrar-se com Deus.

Na relação de Deus, por seu Espírito, com Maria, nós podemos contemplar como Ele se relaciona com seus filhos e filhas. Maria é a tenda que Deus ergue para se encontrar conosco. Nela o Verbo mora conosco. Nela se realizam as duas missões divinas: o feminino entra em relação-Aliança com seu Deus. Deus se faz caminho pelo feminino, o feminino se faz caminho para Deus.

O Espírito sai do seio do Pai, inunda, plasma Maria num derramar gratuito de seu amor. O apóstolo Paulo nos

dirá que em nós o amor foi derramado (Rm 5,5), para dizer que o amor é sem medida. Em Maria o Espírito faz espaço, acolhida e gestação, porque toda aberta, disponível à graça. Graça e Espírito são na teologia bíblica duas realidades intercambiáveis. "Cheia de graça" é cheia do Espírito Santo. Nesta tenda-morada, escolhida desde toda a eternidade, Deus se coloca em diálogo com seus filhos e filhas e aí fica para sempre.

Por isso o povo na sua simplicidade consegue sintetizar em Maria o que crê em Deus. Com ela o povo se sente "em casa" com Deus. "Se a mulher pode ser templo do Espírito Santo, deve ter sido criada por Deus, marcada por uma profunda afinidade com o Espírito Santo", diz com magistral contribuição o teólogo L. BOFF.

3. O FEMININO NA LINGUAGEM SOBRE DEUS

Nós, cristãos, admitimos sem dificuldade alguma que o ser humano, enquanto masculino e feminino, é criado à imagem e semelhança de Deus, como o afirma Gn 1,26-27. Disto jamais duvidamos. Porém o que nos parece complicado admitir é que, assim sendo, então Deus é propriamente masculino e feminino. Ou pode-se assim dizer que tanto o masculino como o feminino revelam Deus.

Isto não é muito familiar a nós na reflexão teológica, mas se partirmos não de conceitos e sim de nossa experiência de Deus, tudo fica diferente e mais claro. O que vivenciamos de seu amor que se faz cuidado,

acolhida, ternura, proteção, nutrição, não são experiências humanas feitas no relacionamento com nossa mãe?

Por que tanto medo em admitir uma linguagem feminina sobre Deus, se na nossa experiência cotidiana de Deus já o vivenciamos assim? Nossa reflexão não pensa em passar então de "Deus" para "Deusa", nem de "Ele" para "Ela", o que só traz ambigüidades. O que queremos é olhar para o relacionamento de Deus com seus filhos e filhas e perceber aí como se torna clara, evidente, uma linguagem feminina no modo de Deus se comunicar conosco e consequentemente no discurso sobre ele.

Tomando Deus no enfoque trinitário, passamos a alguns acenos do feminino nas três divinas Pessoas.

a) O feminino do Pai.

No Antigo Testamento Deus é conhecido, entre outras metáforas, como Pai (cf Is 63,16, mas já Dt 1,31). Aí, temos expresso seu amor compassivo por Israel, por "seus filhos", "filhinhos". A mesma imagem é encontrada no Sl 103,13. Os sapienciais consideram significativa esta experiência de Deus e têm-no como um pai que educa até por castigos (cf Pr 3,11-12)! No livro do Êxodo está refletida a imagem do Deus Pai, que chama Israel de "meus filhos", ou "meu filho primogênito" (Ex 4,22-23).

Esta imagem é bem evidente nos profetas, a começar de Oséias 11,1-4. Lendo Isaías, é impossível não se comover com as passagens em que o profeta expressa o amor de

Deus nestas imagens: "o frêmito de tuas entranhas" (=útero)... "será que tuas entranhas se fecharam para mim?" (Is 63,15). Em Oséias 11,8: "meu coração se contorce, minhas entranhas se comovem" ... Ainda Is 66,13: "como um filho que a mãe consola..." E Os 11,3: "Eu ensinei Efraim andar..." Gostaria ainda de localizar neste bosque a imagem da águia com a qual Deus Pai se compara em Dt 32,10-12. "Como a águia que sobrevoa, acaricia seus filhotes, eu os carreguei..."

Os textos se multiplicam, expressando o amor de Deus e sua ternura com uma linguagem feminina que mostra Deus exercendo funções tipicamente assumidas pela mãe. É muito feliz, para concluir, o juramento que faz Javé de continuar amando-nos "como a mãe - e mais ainda! - que não pode esquecer-se de seu filhinho, do fruto de suas entranhas..." (Is 49,15)

b) O feminino do Filho

Pouco explorado na abordagem feminista da Escritura e do Novo Testamento é o feminino do Filho. O que mais se trabalhou, e nisto a literatura é vasta, foi a leitura da cristologia na perspectiva da mulher, ou melhor, a partir da experiência de como a mulher se encontra nos Evangelhos. As narrativas mais trabalhadas estão nos sinóticos. Aí este tema adquire visibilidade incontestável pelas atitudes e posições que Jesus toma em relação à mulher, como solid

"Por que tanto medo em admitir uma linguagem feminina sobre Deus?"

riedade que se faz profecia. Partir da espiritualidade de Jesus e do modo como ele se coloca diante da mulher, talvez seja um caminho mais intuitivo "neste bosque, onde a brisa companheira" continua a me desassossegurar. Em Lc 13,34, Jesus mesmo se compara e se representa na imagem de uma ave-mãe: "Quantas vezes, Jerusalém, quis juntar os teus filhos como a galinha junta seus pintinhos". A mesma ternura de mãe, que é onde o feminino mais evidentemente se expressa, temos em Jo 16,21, quando Jesus lembra o momento crucial e criador do parto, a "hora" da mulher, que Jesus evoca ao falar da sua própria "hora"...

A teóloga M. SANTISO, refletindo este tema, nos diz que a categoria onde o Filho melhor expressa o feminino é o espaço. Ela faz uma cristologia de abordagem feminista afirmando: "O Filho é o espaço de Salvação, ventre que gera a Igreja. Do sangue e água jorrados na cruz, sinal evidente de vida, 'eu sou a vida', desta vida nos faz nascer". Ele, o Filho, é o lugar, espaço de intimidade onde os filhos e filhas se encontram com seu Deus e Pai. Ele é a mãe-Vida de onde saímos para Deus, é o ventre que nos gerou. Como o ventre da mulher, que é o espaço de acolhida, nutrimento e aconchego da vida, assim é o ventre de Jesus, de onde nós como Igreja nascemos. É a fonte da vida, é a água Viva que atrai os homens e mulheres do mundo. Ele é o coração aberto que

nutre com seu sangue e reúne seus filhos e filhas dispersos, como a ave-mãe junta seus filhinhos (Lc 13,34, já lembrado acima).

c) O feminino do Espírito

Em nossa experiência de fé e no imaginário popular, predominam a imagem do Pai que está nos céus e do Filho que se fez homem. Estas imagens, tiradas do relacionamento familiar da experiência humana, nos representam a primeira e a segunda Pessoas da Trindade. Mas o Espírito, a terceira das divinas Pessoas, como representá-lo? O tema da linguagem sobre Deus nos mostra a dificuldade de representar a Deus como melhor convém. Isso é ainda mais complicado quando se trata do Espírito Santo. O termo *Ruah*, cujo correspondente na língua portuguesa é Espírito, é no hebraico um termo feminino: a "*Ruah*". O mesmo se dá com o vocábulo "*Nefesh*", alma. Na Escritura a *Ruah* está associada a Iahweh e tem o sentido de vento, sopro, força vital, energia, brisa, ar. Este é o sentido que temos, p. ex. no Sl 104,29: "retomas-lhes o sopro e morrem, envias teu sopro e são criados". Esse termo envolve sempre duas dimensões: uma cósmica, como vento, sopro, brisa, e outra individual, como interioridade, energia, força vital. Também a imagem de "luz interior" que usamos para denominar a presença e ação do Espírito, está nesta dimensão individual.

Em relação ao Pai e ao Filho, o Espírito Santo seria expresso como o impulso de movimento no espaço entre o Pai e o Filho e do Filho com o Pai. É a *Ruah*, esse dinamismo do amor recíproco entre Jesus e o Pai. É este o espaço, acolhida da vida onde o Espírito se movimenta e se dá. Mas Ele é ao mesmo tempo a mão feita de ternura de Deus que se estende para fora, cria, acompanha a vida, revitaliza, alimenta. Quando este sopro repousa sobre o caos, acontece a criação, a vida se forma (Gn 1,2). Quando repousa sobre a mulher, Maria, a encarnação-vida se faz (cf Lc 1,35). Quando repousa na comunidade acolhedora e orante dos discípulos com Maria, nasce a Igreja comunidade-espaço, sacramento de salvação (At 1,14).

O apóstolo Paulo expressa magnificamente essas duas "asas-mão" da *Ruah* em Rm 8,26: "O Espírito sonda os corações e ... ora por nós ao Pai com gemidos inefáveis ... ele conhece os desejos..."

CONCLUSÃO

Na volta da caminhada pela floresta, as perguntas e anseios que tínhamos no início continuam, com gemidos semelhantes aos de uma brisa que vai se reprocessando no coração. Vimos que a preocupação não é trocar a linguagem, mas ampliar a compreensão que temos da imagem de Deus, que tanto se expressa na paternidade como na maternidade.

Olhando para a *Ruah*, brisa suave e inquietante, sopro criador que inabita e é Dom de Vida, vemos no feminino, e especialmente na mulher, como esta é espaço para o Diálogo de Deus com seu filhos e filhas. É o caso específico de Maria. É nela, por ela e com ela, que o feminino se expressa. Ela é a mulher que se faz espaço de Salvação. É a ela que Deus se dirige para anunciar a salvação. É ela que se faz a voz do sim da humanidade (cf Lc 1,38). Ela é o espaço para o Sim da humanidade ao Pai. É a uma mulher que o

Ressuscitado aparece por primeiro e dá a ela a missão profética do Anúncio Pascal (cf Jo 20,17). É uma mulher que é a imagem da Igreja, a Esposa do Cordeiro, a nova Jerusalém descrita em Ap 12,1-2; 19,7-8 e 21,2.

Nestes vários momentos a mulher se faz acolhida e anúncio, mistério da presença do Espírito, espiritualidade, espaço de acolhida do novo: o Espírito criador em Gn 1,2, o Espírito revitalizador do exílio em Ez 36, e o Espírito-vento impulso da Igreja em Pentecostes, o Espírito consolador que enxuga as lágrimas da Igreja peregrina em Ap 21,4.

A mulher, que já no seu corpo expressa uma linguagem de interioridade capaz de ser habitada, tem uma mensagem e um testemunho único para a Igreja: faz ela a experiência de ser habitada, inabitada pelo Espírito?

Só dilatarmos nossa compreensão da relação Espírito Santo e feminino, quando aprofundarmos a Mariologia também na dimensão antropológica. Maria não somente recebe o Espírito Santo. Ela se torna seu verdadeiro instrumento, seu Templo, sua Esposa. Isto deve ser entendido de modo real e ontológico e não apenas como uma metáfora, um símbolo, que se pode tirar ou modificar. Em Maria o feminino criado vai sendo atualizado pelo Espírito até a plenitude. É por isso que o povo, na sua piedade simples, atribui a Maria títulos que são próprios do Espírito Santo, tais como *consoladora, advogada, medianeira*.

Voltando desta floresta e entrando nas ruas do povo, no encontro, na acolhida, na defesa e proteção da vida, vemos que a mulher é aí portadora do anúncio da vida. Porque ela mesma, na sua feminilidade, é como a *Ruah* divina, capaz de sustentar o Amor e gerar a Vida.

BOLEN, J.S., *As deusas e a mulher. Nossa psicologia das mulheres*, Ed. Paulinas, São Paulo, 1990.

BOFF, L., *O rosto materno de Deus*, Vozes, Petrópolis, 1979.

BOFF, L., *A Ave Maria, o feminino e o Espírito Santo*, Vozes, Petrópolis, 1980.

CIRNER, T., *Emotività femminile e crescita spirituale*, Ancora, Milano, 1982.

EVDOKIMOV, P., *A mulher e a salvação do mundo*, Ed. Paulinas, São Paulo, 1986.

FIorenza, E., *As origens cristãs a partir da mulher*, Ed. Paulinas, São Paulo, 1992.

FORTE, B., *A Trindade como história*, Ed. Paulinas, São Paulo, 1987.

FORTE, B., *Maria, a mulher ícone do mistério*, Ed. Paulinas, São Paulo, 1991.

SANTISO, M.T., *A mulher, espaço de salvação*, Paulus Ed., São Paulo, 1993.

Endereço da Autora:

Rua Prof. Elpidio Barbosa, 223
Trindade
88036-300 FLORIANÓPOLIS, SC

BIBLIOGRAFIA

A Era do Espírito

Sacramento da Penitência e Espírito Santo

Pe. Dr. Manoel João Francisco
Professor de Teologia Litúrgica

Ao abordar o tema do Espírito Santo e especificamente o Espírito Santo nos Sacramentos, é quase obrigatório lembrar que, dentre todos os aspectos da teologia e da liturgia, este, com certeza, era o menos estudado. Houve até quem chamasse o Espírito Santo de "Deus Desconhecido"¹.

O próprio papa PAULO VI foi um dos que assim pensaram. Numa de suas audiências, disse o seguinte: "A Cristologia e especialmente a Eclesiologia do Concílio, de-

vem suceder um novo estudo e um novo culto do Espírito Santo, precisamente como complemento indispensável do Concílio."²

Hoje, no entanto, já não se pode pensar da mesma forma. Sem dúvida, nos últimos anos, o interesse pela Pneumatologia tem crescido em todas as áreas da Teologia: bíblica, patristica, teológico-espiritual, teológico-dogmática e teológico-litúrgica³.

A ação do Espírito Santo na Igreja e na sua Liturgia é multiforme, segundo as diversas situações da vida. Constatar